

Alinhavando contextos sociais escritos:

o ato de escrever e a leitura de si

Thais Surian

SciELO Books / SciELO Livros / SciELO Libros

CAMARGO, MRRM., org., SANTOS, VCC., collab. *Leitura e escrita como espaços autobiográficos de formação* [online]. São Paulo: Editora UNESP; São Paulo: Cultura Acadêmica, 2010. 140 p. ISBN 978-85-7983-126-3. Available from SciELO Books <<http://books.scielo.org>>.



All the contents of this work, except where otherwise noted, is licensed under a Creative Commons Attribution-Non Commercial-ShareAlike 3.0 Unported.

Todo o conteúdo deste trabalho, exceto quando houver ressalva, é publicado sob a licença Creative Commons Atribuição - Uso Não Comercial - Partilha nos Mesmos Termos 3.0 Não adaptada.

Todo el contenido de esta obra, excepto donde se indique lo contrario, está bajo licencia de la licencia Creative Commons Reconocimiento-NoComercial-CompartirIgual 3.0 Unported.

5

ALINHAVANDO CONTEXTOS SOCIAIS ESCRITOS: O ATO DE ESCREVER E A LEITURA DE SI

*Thais Surian*¹

*Os meus livros (que não sabem que existo)
São uma parte de mim, como este rosto
De têmporas e olhos já cinzentos
Que em vão vou procurando nos espelhos
E que percorro com a minha mão côncava.
Não sem alguma lógica amargura
Entendo que as palavras essenciais,
As que me exprimem, estarão nessas folhas
Que não sabem quem sou, não nas que escrevo.
Mais vale assim. As vozes desses mortos
Dir-me-ão para sempre.*

(Borges, 1975)

Este artigo, um recorte de uma pesquisa de mestrado em Educação da Unesp,² apresenta uma discussão sobre Carolina Maria

1 Graduada em Licenciatura em Pedagogia (2006) e mestre em Educação (2009) pela Unesp. Atualmente é professora no Ensino Fundamental da rede municipal de ensino de Rio Claro (SP) e tutora à distância do curso de formação de professores Gênero e Diversidade na Escola, oferecido pela Unesp em parceria com a UAB. Tem estudo na área de escrita, mulheres e práticas culturais.

2 *Um estudo das Práticas da Escrita de Mulheres (Escritoras ou não)*, defendida em agosto de 2009, pesquisa que contou com o auxílio financeiro da Capes de março de 2008 a agosto de 2009.

de Jesus, Marguerite Duras e Joana (aluna da Educação de Jovens e Adultos) nas questões referentes aos escritos/textos produzidos por elas e os diferentes contextos sociais em que se inserem, pois essas mulheres são sujeitos de tempos e lugares distintos e que foram aqui, neste texto, trazidas e aproximadas por apresentarem uma relação semelhante em relação à escrita. Pensando que são mulheres de tempos e lugares distintos, quem são esses sujeitos, essas mulheres que escrevem? Inseridas em que contextos social, histórico e temporal? Em que contextos produzem seus escritos? Que contextos nos dão a ver nos escritos que hoje lemos? Como situam a si mesmas nesses contextos que nos apresentam?

Tendo esses questionamentos como norteadores, traz-se à reflexão uma discussão sobre os contextos sociais e os escritos dessas mulheres-autoras tendo como aporte teórico Pierre Bourdieu e Michel Foucault.

Breve apresentação: Carolina, Marguerite e Joana

Carolina Maria de Jesus, autora da obra *Quarto de despejo*, nasceu em um vilarejo rural chamado Sacramento, localizado em Minas Gerais, no ano de 1914. Descendente de escravos e oriunda de uma família pobre, estudou até o segundo ano primário no Colégio Allan Kardec, primeiro colégio espírita do Brasil, fundado em 1907. Estudou nesse colégio um pouco mais de dois anos, e foi nesse curto espaço de tempo que aprendeu a ler e escrever.

Carolina mudou-se do vilarejo, quando sua mãe precisou ir trabalhar no campo. Aos 16 anos foi para Franca, interior de São Paulo, com a mãe, e depois de viver um período na cidade, elas se mudaram novamente, transitando, assim, por várias cidades no interior do estado; nesses lugares, ambas trabalharam como empregadas domésticas.

Quando sua mãe faleceu, ela decidiu ir para a cidade de São Paulo, chegando na capital em 1947.

No ano de 1947, com 33 anos de idade, Carolina, enfrentou muitas dificuldades; para ganhar dinheiro, trabalhou em diversas atividades, uma delas como empregada doméstica em casas de família, ambiente no qual, ao que indica, teve contato com obras e autores clássicos da literatura citados em seu diário.

Carolina foi morar na favela do Canindé, em São Paulo, atualmente extinta, em 1948, pois estava sem trabalho e moradia. Ali instalada, Carolina começou a atuar como catadora de materiais do lixo destinados à reciclagem.

Sua casa na favela, chamada por ela de barraco, foi construída com suas próprias mãos usando materiais encontrados na rua.

Sendo mãe solteira de três filhos, sua rotina na favela envolvia tarefas como cuidar dos afazeres domésticos: lavar, se tivesse água; cozinhar, quando havia comida, além de cuidar dos filhos, recolher papéis e escrever seu diário.

Em meio a esses materiais diversificados que recolhia estava o papel, papel esse que ela guardava para criar seus textos. A vida de Carolina era envolta por papéis, papéis que queimava para aquecer a casa no inverno, que vendia para obter o próprio sustento e o da família, papéis que abrigavam sua escrita.

No seu diário, a obra *Quarto de despejo*, registrava fatos cotidianos da favela relatando as brigas, a rotina das pessoas, as relações, os preconceitos, comentários sobre políticos que estavam no poder naquele momento, e de suas promessas não cumpridas, da diferença social, da fome principalmente, e tudo o que conseguia observar durante os muitos anos em que ali viveu e, que foram anotados em uns 20 cadernos que eram recolhidos do lixo por ela. Seu diário foi escrito durante cinco anos, de 1955 a 1960, tendo Carolina vivido na favela por mais de dez anos.

Seu diário foi publicado com a ajuda do jornalista Audálio Dantas, em agosto de 1960.

Marguerite Duras, uma escritora de romances, relatava em suas obras assuntos muito pessoais. Nascida nos arredores de Saigon em Gia Dinh, Indochina, no ano de 1914, foi nesse lugar que viveu sua infância junto com seus pais, que eram professores, e com seus irmãos.

Com 18 anos, Duras, mudou-se da Indochina, foi para a França, país de origem de seus pais, onde estudou Direito, tornou-se escritora e lá permaneceu pelo resto de sua vida.

Seus escritos, suas obras, remetem a fatos vividos, lugares visitados, habitados por ela em algum período de sua vida, pessoas encontradas, amores, tristezas, sofrimentos, perseguições...

Muitas são as obras escritas por Duras, romances foram mais de 30, além de peças de teatro e roteiros de cinema.

Em uma sala de Educação de Jovens e Adultos (EJA) que encontramos Joana (nome fictício). Essa aluna é uma mulher de 47 anos que nasceu na cidade de Guaimbê, no interior de São Paulo em 1961.

Durante sua infância viveu em uma fazenda, e para ir à escola precisava andar muito... alguns quilômetros; estudou até a quarta série do ensino primário, atualmente chamado de Ensino Fundamental. Em 1969, com aproximadamente oito anos, mudou-se com sua família para a cidade de Rio Claro, interior de São Paulo. Com dez anos aconteceu a primeira interrupção nos estudos diante da necessidade de trabalhar. Joana começou a trabalhar na lavoura com sua mãe, na colheita de laranja. Na adolescência deixou a atividade que exercia no campo para trabalhar como doméstica em casas de família.

Após várias tentativas de retorno à escola, Joana voltou à sala de aula recentemente, em 2005, no PEJA³, e é nesse projeto que ela estuda atualmente. Sua rotina de mãe, trabalhadora e dona de casa fez que a retomada aos estudos só fosse possível depois de muitos anos. E, mesmo assim, ela não conseguia frequentar aulas noturnas, como é comum nas escolas regulares. A proposta do PEJA e a flexibilidade das aulas diurnas possibilitaram à aluna esse retorno ao estudo. Para ela, voltar a estudar era antes uma realização pessoal, além de ser uma oportunidade de aprendizagem e de novas possibilidades de trabalho.

Joana escreve, com frequência, textos a partir de temas diversos, em prosa e / ou poesia.

3 Projeto Institucional de Educação de Jovens e Adultos oferecido pela Unesp de Rio Claro à população.

Contextos, escritos, leituras...

Carolina Maria de Jesus vivia em São Paulo, como catadora de lixo, na favela do Canindé. Mulher de pouca formação escolar estudou somente dois anos na infância, mas isso não a impedia de escrever e de perceber seu entorno. Do lugar que ocupava na sociedade, teve uma consciência crítica sobre as diferenças socioeconômicas da população, percebida nos momentos em que se deslocava da favela para a cidade, a trabalho, interessando-se, também, pelas questões políticas com quais tomava contato, principalmente por meio do rádio e das movimentações dos partidos políticos na região da favela, em período de campanha eleitoral. Do seu lugar na vida, sentia os distintos modos de ser mulher e as dificuldades em ser negra, em função do preconceito, como mostram os trechos a seguir.

A Silvia e o esposo já iniciaram o espetáculo ao ar livre. Ele está lhe espancando. E eu estou revoltada com o que as crianças presenciavam. Ouvem palavras de baixo calão. Oh! Se eu pudesse mudar daqui para um núcleo mais decente⁴. (Jesus, p.10)

Refleti: preciso ser tolerante com os meus filhos. Eles não tem ninguém no mundo a não ser eu. Como é pungente a condição de mulher sozinha sem um homem no lar. (Jesus, p.19)

...Eu escrevia peças e apresentava aos diretores de circos. Eles respondia-me: – É pena você ser preta. Esquecendo eles que eu adoro a minha pele negra, e o meu cabelo rústico. (Jesus, p.58)

Diferentemente de Carolina, Marguerite Duras tinha como seu lugar a França, e suas memórias de infância na Indochina. Marguerite (1914-1996) e Carolina (1914-1977) estão, ambas, num mesmo tempo histórico, porém em contextos sociais muito diferentes, além de distantes espacialmente.

4 Manteve-se a escrita da obra consultada.

Marguerite Duras passou a maior parte da sua vida na França, ali concluiu sua formação em Matemática e tornou-se escritora. Ser escritora era seu trabalho, sua profissão. De seu lugar de escritora é que suas obras foram produzidas. Marguerite Duras, autora, remetia a Marguerite Donnadieu na produção dos textos, ou seja, remetia-se a si mesma para escrever as obras, com percepções e reflexões sobre / de sujeitos / indivíduos, além de questões sociais e políticas.

De seu lugar de escritora, apresenta-se um trecho da obra *Escrever*:

Posso dizer o que quiser, nunca saberei o motivo pelo qual se escreve, nem como não se escreve. (Duras, p.18)

Joana, aluna da Educação de Jovens e Adultos, vive em Rio Claro, interior de São Paulo, e trabalha como vendedora autônoma. A necessidade de trabalhar na infância para ajudar os pais foi o motivo que levou Joana a deixar os bancos escolares naquele momento; mais tarde, retomar os estudos não foi possível por causa dos companheiros que teve, assim como não lhe era permitido, por eles, escrever. Voltar a estudar tornou-se realidade recentemente, quando Joana já não vive com companheiro algum e transita livremente pelos espaços que a escrita possibilita.

(...) na minha família, ninguém estudou, minha irmã mais velha trabalhava numa casa de família em Marília (...) e todo mundo trabalhava em roça, e eu, era a irmã mais nova, e ela me via na roça, assim com nove, dez anos, e ela falava: queria que a Joana estudasse, fosse inteligente. (Joana, informação verbal – entrevista)

Carolina, na obra *Quarto de despejo*, aponta para o contexto histórico e social da década de 1950 no Brasil, na realidade da favela:

Fui na delegacia e falei com o tenente. Que homem amavel! Se eu soubesse que ele era tão amavel, eu teria ido na delegacia na

primeira intimação. (...) O tenente interessou-se pela educação dos meus filhos. Disse-me que a favela é um ambiente propenso, que as pessoas tem mais possibilidades de delinquir do que tornar-se util a patria e ao país. Pensei: Se ele sabe disto, porque não faz um relatório e envia para os politicos? O senhor Jânio Quadros, o Kubstchek e o Dr. Adhemar de Barros? Agora falar para mim, que sou uma pobre lixeira. Não posso resolver nem as minhas dificuldades. ...O Brasil precisa ser dirigido por uma pessoa que já passou fome. A fome tambem é professora. Quem passa fome aprende a pensar no proximo, e nas crianças. (Jesus, p.26)

Eu deixei o leito indisposta porque eu não dormi. O visinho é ademarista roxo e passou a noite com o radio ligado. ...Passei no Frigorifico para pegar ossos. Graças as eleições havia muito papel nas ruas. Os rádios estão transmitindo os resultados eleitoraes. As urnas favorece o senhor Carvalho Pinto. (Jesus, p.110)

Marguerite e Carolina eram contemporâneas, mas a primeira viveu, no entanto, uma realidade social distinta, pois, da infância, na Indochina, com algumas dificuldades vivenciadas em família, da vida na França como estudante num dado período, depois militante contra o nazismo, fase que marcou sua vida, tornou-se, enfim, escritora. Dessas experiências de vida seus escritos emergem e são produzidos como obras literárias, ou seja, em livros, em sua maioria romances.

Sobre o contexto de sua produção, Marguerite escreve na obra *Escrever*:

Não encontramos a solidão, fazêmo-la. A solidão faz-se só. Eu fi-la. Porque decidi que era aqui que deveria estar só, que estaria só para escrever livros. Passou-se assim. Estive só nesta casa. Fechei-me aqui – também tive medo, evidentemente. E depois ame-i-a. Esta casa tornou-se a da escrita. Os meus livros saem desta casa. Desta luz também, do parque. Desta luz reflectida no tanque. Precisei de vinte anos para escrever isto que acabo de dizer. (Duras, p.17)

Marguerite tem um lugar da escrita e para a escrita, lugar esse de isolamento e silêncio:

Há isso no livro: a solidão é, nele, a do mundo inteiro. Está em toda a parte. Invadiu tudo. Acredito sempre nesta invasão. Como toda a gente. A solidão é aquilo sem o qual nada se faz. Aquilo sem o qual nada mais se olha. É uma maneira de pensar, de raciocinar, mas apenas com o pensamento quotidiano. (Duras, p.33)

Carolina de Jesus, ao contrário de Marguerite, produzia seus escritos em folhas soltas, folhas encontradas dentre os materiais que ia recolhendo das ruas, e neles fica grafado o relato de como sua vida era precária. Diferentemente do silêncio que Marguerite relata na sua obra acima citada, Carolina em *Quarto de despejo*, conta do seu desassossego interior, do barulho e dos ruídos, e é em meio ao som da favela que ela dá ritmo e forma aos seus escritos.

Quando falo com uma criança lhe dirijo palavras agradáveis. O que aborrece-me é elas vir na minha porta para perturbar a minha escassa tranqüilidade interior (...) Mesmo elas aborrecendo-me, eu escrevo. (Jesus, p.13)

Sentei ao sol para escrever. A filha da Silvia, uma menina de seis anos, passava e dizia: – Está escrevendo negra fídida! (Jesus, p.24)

Joana não tem lugar definido para criar seus escritos, que trazem diversos temas e que foram elaborados em situações várias. Joana escreve seus textos em casa, nos momentos em que fica sozinha, na sala de aula durante o momento em que acontecem discussões e atividades, ou em espaços abertos. Para ela, basta querer escrever sobre algo e assim o faz.

Eu pensei em escrever aquilo que eu estava sentindo, eu acho que as pessoas devem escrever aquilo que elas imaginam. (Joana, informação verbal – entrevista)

Eu gosto muito de ficar sozinha para escrever. Eu acho que um pouco de solidão para mim faz muito bem. (Joana, informação verbal – entrevista)

A *Rede*⁵ que eu acabei de fazer ontem, eu tinha começado ele aqui na escola. (Joana, informação verbal – entrevista)

Joana, Carolina e Marguerite, além da escrita, possuem como ponto comum a questão migração. Por algum motivo, num dado momento da vida dessas mulheres houve um deslocamento do lugar de origem para outro sempre em busca de algo diferente – estudo, trabalho, uma vida melhor...

O que esse deslocamento possibilita? O deslocar-se fisicamente também possibilita outros deslocamentos? Talvez olhar o passado de outra forma? (Re)criar o passado, a vida? Questionamentos esses vindos de um pensar que não pede resposta imediata, se é que haveria resposta para eles. No entanto, essas perguntas surgem, pois o olhar para o passado é um ponto comum na diversidade que é a produção dessas mulheres.

A partir dos contextos apresentados pode-se pensar que a escrita dessas mulheres, além de contar suas vidas, traz a subjetividade de cada escritora e, também, a leitura que elas fazem do seu entorno.

Foucault (2006), ao dissertar sobre a escrita do *hupomnêmata*, que são livros ou cadernos de anotações, afirma que esses materiais de registros são mais que um “suporte de memória” para consultas periódicas, pois:

Eles não se destinam a substituir as eventuais falhas de memória. Constituem de preferência um material e um enquadre para exercícios a serem frequentemente executados: ler, reler, meditar, conversar consigo mesmo e com outros etc. (Foucault, p.148)

5 A *Rede* é um texto produzido por Joana.

Bourdieu, no trecho a seguir, aponta para essas questões:

Tentar situar-se em pensamento no lugar que o pesquisado ocupa no espaço social para o *necessitar* a partir desse ponto e para *decidir-se* de alguma maneira por *ele* (no sentido em que Francis Ponge falava de *optar pelas* coisas), não é executar a “projeção de si em outrem” do qual falam os fenomenólogos. É dar-se uma *compreensão genérica e genética* do que ele é, fundada no domínio (teórico ou prático) das condições sociais das quais ele é o produto: domínio das condições de existência e dos mecanismos sociais cujos efeitos são exercidos sobre o conjunto da categoria da qual eles fazem parte (a dos estudantes, dos operários, dos magistrados, etc.) e domínio dos condicionamentos inseparavelmente psíquicos e sociais associados à sua posição e à sua trajetória particulares no espaço social. (Bourdieu, p.699-700, grifo do autor)

Nesse sentido, é preciso compreender as escritas das alunas, não somente como práticas efetivas do escrever e ler, mas também entender a singularidade, o individual delas ao mesmo tempo em que se buscam as características mais gerais dessas existências, no contexto social e histórico no qual se inserem.

Temos dificuldades em afastar essa diferença da atenção favorecida pela ilusão do já visto e do já ouvido para entrar na singularidade da história de uma vida e tentar compreender ao mesmo tempo na sua unicidade e generalidades os dramas de uma existência. A semicompreensão imediata do olhar distraído e banalizante desencoraja o esforço que deve ser realizado para superar os lugares-comuns nos quais cada um de nós vive e diz de suas pequenas misérias como sendo seus grandes males. Aquilo que o “a gente” filosoficamente estigmatizado e literariamente desconsiderado, que nós todos somos tentados a dizer, com seus meios, desesperadamente “inautênticos”, é sem dúvida, para os “eu” que nós acreditamos ser, pela mais comum das reivindicações de singularidade, o que há de mais difícil para escutar. (Bourdieu, p.701)

Foucault (2006) aponta para a questão da escrita de si, como um “momento” em que aquele que escreve se expõe, dá a ver a si mesmo.

Escrever é, portanto, “se mostrar”, se expor, fazer aparecer seu próprio rosto perto do outro. (Foucault, p.156)

Dessa forma, nos contextos sociais escritos, as mulheres mostram-se, fazem-se ver para si mesmas e para um outro.

Para Foucault (2006), o caderno de registros é uma forma de constituição de si, como mostra o trecho:

O movimento que eles procuram realizar é o inverso daquele: trata-se não de buscar o indizível, não de revelar o oculto, não de dizer o não dito, mas de captar, pelo contrário, o já dito; reunir o que se pôde ouvir ou ler, e isso com uma finalidade que nada mais é que a constituição de si. (Foucault, p.149)

Segundo Bourdieu (1997), os participantes da pesquisa, quando entrevistados, fazem, no decorrer do processo das entrevistas, leituras de si mesmos, explicam-se e fazem-se compreender primeiro para eles próprios, no mundo que estão inseridos.

As entrevistas realizadas durante a pesquisa foram momentos em busca de compreensão da prática de escrita. Nesses acontecimentos, estabeleceu-se uma relação de confiança entre pesquisadora e entrevistada, o que contribuiu para que as entrevistas se transformassem em conversas informais e, com isso, os cadernos e escritos em folhas soltas fossem disponibilizados, sem maiores dificuldades.

As fontes materiais, cadernos e escritos, geraram, no primeiro contato e ao realizar a leitura, uma sensação de surpresa, pela força e beleza do material, da palavra ali escrita. A surpresa por não imaginar inicialmente o que estaria ali escrito. Percebi que, a cada leitura, o sentido de cada texto, cada verso e mesmo cada caderno tomava forma mais e mais definida. E, quanto mais eu lia essas fontes, mais

beleza encontrava e mais possibilidades de construir sentidos eu percebia.

Antes de ser a pesquisadora em busca de compreensões para essas fontes, eu fui leitora dos textos. E, como leitora, os escritos causaram-me emoção, inquietação, questionamentos. No debruçar-se da pesquisadora, a leitura dessas fontes apresentava relação com questões escritas por Carolina de Jesus e por Marguerite Duras. Em outros momentos, os trechos lidos remetiam aos referenciais sobre a história das mulheres, em questões sobre ser mulher e na condição feminina.

Finalizo com um trecho do texto intitulado *Importa que eu ame*, em que Joana expressa a importância que atribui à escrita, apesar das limitações em sua condição de mulher pouco escolarizada:

Amor, que faz com que grandes escritores busquem metáforas, atravessem os oceanos, vá à lua, viajem nas estrelas, ultrapassem todas as regras da linha da imaginação. Naveguem em mar de pensamentos, (busquem) peguem carona com vidas passadas, busquem dentro das histórias bem resolvidas, ou nos maiores conflitos de dor, eu não sei, só sei que é amor. Não importa se sou anônima, sem grandes expressões linguísticas, sem menor experiência científica, sem diploma, sem nenhum histórico de família importante, não sei, importa que eu ame. (Joana, *Importa que eu ame*)

Referências bibliográficas

- BORGES, J. L. *La rosa profunda*. Buenos Aires: Emecé, 1975.
- BOURDIEU, P. Compreender. In: *A miséria do mundo*. Petrópolis: Vozes, 1997, p.693 - 732.
- DURAS, M. *Escrever*. Lisboa: Difel, 2001.
- FOUCAULT, M. A escrita de si. In: *Ditos e escritos: estratégia, poder-saber*. Rio de Janeiro: Forense Universitária, 2006. v.5, p.144 – 162.
- JESUS, C. M. de. *Quarto de despejo: diário de uma favelada*. 8. ed. São Paulo: Ática, 2001.
- SURIAN, T. *Um estudo das práticas da escrita de mulheres (escritoras ou não)*. 2009. 145 p. Dissertação (Mestrado em Educação) – Instituto de Biociências, Universidade Estadual Paulista, Rio Claro, 2009.